

**O OLHAR DA ANTROPOLOGIA URBANA COMO CHAVE DE  
LEITURA PARA A LITERATURA ARGENTINA CONTEMPORÂNEA:  
*CULTURAS, FRONTEIRAS E MEDIAÇÃO***

**THE LOOK OF URBAN ANTHROPOLOGY AS KEY TO READING  
ARGENTINE CONTEMPORARY LITERATURE: *CULTURES,  
BORDERS AND MEDIATION***

**Livia Santos de Souza (UFRJ/UNILA)**

**RESUMO:** A literatura contemporânea apresenta importantes relações com as ciências sociais. No caso específico da antropologia das sociedades complexas, pode-se identificar esse encontro de duas formas, por um lado, os autores de ficção tratam com muita frequência de temas relativos a essa área do conhecimento, por outro, a tarefa do escritor se assemelha à do etnógrafo, ambos atuam como um tipo especial de espectador da realidade, colocando em circulação textos e discursos que problematizam os conflitos do espaço urbano. Este trabalho tem como proposta analisar de que maneira conceitos como fronteira e mediação, lidos a partir da abordagem da antropologia urbana, se converteram em matéria literária nas mãos de alguns narradores argentinos contemporâneos. Para tanto, partiremos de um corpus composto por três contos publicados na última década em antologias dedicadas a criar novos espaços no mercado editorial. *Tartagal queda cerca de Yacuiba, y Yacuiba queda cerca de Tartagal* de Fabio Martínez, *Animetal*, de Leonardo Oyola e *El hombre del casco azul* de Washington Cucurto são textos que se constroem tanto entre fronteiras no sentido tradicional do termo, o primeiro conto se passa entre Argentina e Bolívia, como em fronteiras simbólicas, internas ao espaço da urbe contemporânea. Os narradores dos três contos atuam como guias entre os limites existentes nos territórios da cidade, são, nesse sentido, mediadores, capazes de efetuar um tipo especial de tradução entre distintas realidades.

**Palavras-chave:** Narrativa argentina contemporânea; antropologia urbana; fronteira; mediação.

**ABSTRACT:** Contemporary literature has important relations with social sciences. In the specific case of anthropology of complex societies, it is possible to identify this meeting in two ways: on the one hand, fiction authors treat very often issues relating to this area of knowledge, on the other, the writer's task is similar to the ethnographer, both act as a special kind of reality viewer, placing outstanding texts and discourses that question conflicts of ur-

ban space. This paper aims to analyze how concepts such as border and mediation, conceived from the approach of urban anthropology, have become literary matter in the hands of some contemporary Argentine narrators. Therefore, we work with a corpus made up of three short stories published in the last decade in anthologies dedicated to creating new spaces in publishing world. *Tartagal queda cerca de Yacuiba, y Yacuiba queda cerca de Tartagal* by Fabio Martínez, *Animetal*, by Leonardo Oyola and *El hombre del casco azul* by Washington Cucurto are texts built both across borders in the traditional sense, the first story takes place between Argentina and Bolivia, for instance, as in symbolic boundaries, the internal space of the contemporary metropolis. Also, the narrators of the three tales act as guides between existing limits on city territories, becoming, in this sense, mediators, able to make a special kind of translation between different realities.

**Keywords:** Argentine contemporary literature; urban anthropology; border; mediation.

### 1. Introdução

As cidades latino-americanas desenvolveram um considerável caráter cosmopolita nas últimas décadas. Por cosmopolitismo compreende-se “a coexistência de diversos mundos sociais e correntes culturais que expressam diferentes modos de relacionamento e interação com a realidade”, nos termos propostos por Gilberto Velho (2010, p. 19). Qualquer estudo que se proponha a analisá-las, portanto, deve levar em consideração essa crescente diversidade e as demandas por ela geradas.

Dessa forma, o espaço urbano representa o local de convivência com a diferença, com o *outro*, por excelência. No entanto, a diversidade raramente se configura de forma homogênea. O que se observa na realidade é o crescimento da separação no espaço urbano. Processos como o de fragmentação sócio-espacial identificados por estudos geográficos tem ganhado especial força nas metrópoles latino-americanas na contemporaneidade. Josefina Ludmer (2010, p. 122), pensando textos literários que lidam com essa questão, fala sobre a cidade latino-americana da atualidade como um conjunto de *ilhas*, espaços muitas vezes vizinhos em sua localização, mas que ao mesmo tempo apresentam profundas diferenças culturais que dificultam, quando não inviabilizam, o trânsito entre seus territórios. Torna-se necessário, portanto, o desenvolvimento de estratégias que possibilitem a interação entre essas diferentes realidades. Entra em cena, nesse contexto, a figura do mediador, fundamental para possibili-

tar a circulação muitas vezes travada pelos processos de segregação e auto-segregação.

Indivíduos identificados com essa forma de atuação apresentam a habilidade de transmitir valores, traduzir elementos culturais pertencentes a diferentes grupos. Pretende-se com esse trabalho analisar a construção de algumas formas de mediação identificadas com cidades argentinas na contemporaneidade. Para tanto, escolhemos realizar uma leitura relacionada a obras literárias identificadas com um movimento conhecido como *Nueva Narrativa Argentina*, um grupo heterogêneo de autores nascidos a partir da década de 70 que tem ganhado alguma visibilidade através de espaços alternativos de publicação como a internet e antologias de contos de tiragem relativamente reduzida.

A opção por esse grupo não é arbitrária, a relação entre esses autores relativamente jovens e o espaço urbano argentino é intensa. Há em muitas de suas obras, a intenção de representar o urbano, de falar dos conflitos na cidade. Uma das muitas antologias publicadas com o rótulo *Nueva Narrativa Argentina, Buenos Aires Escala 1:1* é composta exclusivamente por contos relacionados aos bairros da capital do país, outros volumes com o mesmo perfil ocupam-se de outras regiões argentinas e também apresentam notáveis retratos de suas cidades. Nota-se, portanto, uma preocupação com a construção de uma cartografia dos espaços simbólicos da cidade, um exercício constante de elaboração de sua identidade (DRUCAROFF, 2001, p. 18).

Dentre os muitos textos que poderiam ter sido selecionados para essa análise, foram escolhidos três que apresentam uma relação muito produtiva com os conceitos que se pretende trabalhar; *Una mañana con el hombre del casco azul* de Washington Cucurto, publicado em 2005 na antologia *La Joven guardia*, a primeira publicação do gênero, *Animetal*, de Leonardo Oyola, de 2007 e retirado da *Buenos Aires Escala 1:1* e *Tartagal queda cerca de Yacuiba, y Yacuiba queda cerca de Tartagal* de autoria de Fabio Martínez e incluído em *Es lo que Hay* antologia dedicada à nova narrativa argentina originada em Córdoba.

O texto de Washington Cucurto é narrado pelo próprio homem do casco azul que nomeia o conto e se dirige, ambigualmente, aos seus “leitores”. Esse narrador-protagonista é repositivo em uma rede de supermercados em Buenos Aires e apresenta sua visão sobre variados aspectos da vida social nessa cidade a partir desse ambiente específico.

O conto de Leonardo Oyola, *Animetal*, assim como a narrativa de Cucurto, se estrutura como uma espécie de diálogo. Seu interlocutor, entretanto, não é um leitor hipotético abstrato, mas sim um personagem interno à narrativa, sobre o qual recebemos poucas infor-

mações ao longo das páginas do texto. Toda a narrativa se passa em uma zona de Buenos Aires conhecida como bajo flores, um lugar identificado como hostil, uma zona de confluência de muitas comunidades, especialmente estrangeiros, paraguaios, coreanos e bolivianos.

Já em *Tartagal queda cerca de Yacuiba, y Yacuiba queda cerca de Tartagal* Fabio Martínez apresenta uma região bastante distante da capital argentina: a fronteira entre Argentina e Bolívia. Em comum com as narrativas anteriormente apresentadas encontra-se a narrativa dialogada e a presença de vozes narrativas que são ao mesmo tempo guias entre os espaços que apresentam e tradutores\intérpretes da complexidade cultural da região em questão.

Os três textos, portanto, trabalham ficcionalmente de maneira produtiva alguns conceitos caros à antropologia urbana, como fronteira e mediação. Pode-se ainda observar que como pano de fundo dessas questões está em jogo uma ideia bastante contemporânea de cultura, que compreende esse complexo conceito como uma rede de significados que muitas vezes entram em conflito entre si (CANCLINI, 2009, p. 41). As narrativas se utilizam da liberdade que o texto literário possui para evidenciar como significados se constroem diversamente em distintos espaços e acabam por aproximar escritor de ficção e etnógrafo na tarefa de trazer à tona novas leituras para o peculiar texto que é o urbano.

## **2. O olhar da antropologia urbana como chave de leitura para a literatura argentina contemporânea: *culturas, fronteiras e mediação***

O sociólogo norte americano Howard S. Becker, em seu livro *Falando da sociedade*, tenta pensar como vários recursos, entre eles a literatura, podem apresentar chaves para a compreensão de fenômenos sociais. Becker defende que obras ficcionais frequentemente apresentam percepções “que merecem ser lidas sobre como a sociedade está construída e funciona” (p. 16).

Entretanto, não é uma pretensão de Becker que o artístico seja visto exclusivamente como representação do social: “Dizer que essas obras e autores fazem “análise social” não significa dizer que isso é “tudo” o que fazem, ou que essas obras são “apenas” sociologia sob um disfarce artístico” (2009, p.79). A constatação presente na citação evidencia que o literário pode servir como objeto para as ciências sociais, mas também deixa implícito que uma análise que tenha em conta o artístico pode incorporar o aspecto análise social. Dessa forma, a relação entre essas duas áreas do conhecimento, longe de comprometer o aspecto

estético intrínseco ao artístico ou o rigor necessário à elaboração do discurso do cientista social, pode contribuir para ambos os universos em questão.

As narrativas curtas *Uma manhã com o homem do casco azul*, *Animetal* e *Yacuiba queda cerca de Tartagal y Tartagal queda cerca de Yacuiba* apresentam claramente condições para uma leitura desse tipo, relacionada ao contexto urbano. Pode-se observá-las como mapas, uma vez que descrevem trajetos e apresentam possibilidades de leitura para toda a complexidade do cosmopolitismo e dos conflitos existentes nesse espaço. Sobre essas narrativas, pode-se ainda afirmar que à semelhança do que afirma Magnani (2009, p. 32) enxergam

a cidade, mais do que (como) um mero cenário onde transcorre a ação social, (como) o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos, etc.) em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos.

Outro ponto comum fundamental entre os textos literários selecionados e o fazer antropológico se observa na própria elaboração da voz narrativa. Nos três contos as vozes narrativas estão identificadas com seus protagonistas. Esses personagens apresentam regiões, fragmentos de cidade “ilhas urbanas” para usar o termo proposto por Josefina Ludmer para tentar dar conta da heterogeneidade da cidade latino-americana contemporânea e de sua representação literária (2010, p. 125), assumindo para si uma posição análoga à do informante ou mesmo do etnógrafo.

Observa-se nos textos também o interesse pelo crescente processo de fragmentação sócio-espacial observado não só em Buenos Aires que ganhou força nas cidades argentinas com a grave crise econômica enfrentada pelo país no início da última década. Intensificaram-se, desde então, a presença de espaços identificados com a pobreza e a ausência das condições mínimas de saneamento e higiene, as *Villa Miserias*, termo muitas vezes traduzido ao português como favela e bairros identificados com grupos específicos de imigrantes (JANOSCHKA, 2005, s/n).

Nesse contexto, os narradores-protagonistas atuam como mediadores, uma vez que possuem a capacidade de transitar entre distintos grupos e espaços traduzindo seus códigos. São, como afirma Gilberto Velho “intérpretes e reinventores da cultura” (2010, p. 20). Por essa razão, esses textos literários apresentam bastante significativos pontos comuns com a

etnografia, já que esse gênero, tão característico das ciências sociais, tem como especificidade a presença de “um olhar de perto e de dentro” como afirma Magnani (2009, p. 133) articulado, no entanto:

a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas - religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc (MAGNANI, 2009, p. 133).

O fazer etnográfico, portanto, não se restringe às ciências sociais, antes, ele pode ser visto como um método, uma espécie de “atitude”, nos termos proposto por Klinger (2007, p. 76) produtivo sempre que o objetivo é gerar discursos sobre culturas e sociedade. Faz-se necessário, assim, verificar de que forma o corpus selecionado se apropria desse método e o converte em discurso literário.

### **2.1. Uma manhã com o homem do casco azul: Buenos Aires a partir do supermercado**

Cucurto é conhecido por seu estilo peculiar e irônico, mas também por frequentemente empregar recursos auto-ficcionais em seus contos. No texto em questão, os personagens chamam o protagonista de Vega, sobrenome real do escritor. Washington Cucurto é na realidade um pseudônimo, que também surge como nome de personagem com alguma frequência em sua obra. Com um título já publicada no Brasil seu nome já possui certa circulação no campo literário argentino.

Em *Una mañana con el hombre del casco azul*, o narrador-protagonista está completamente identificado com o conceito de mediação, já que ao circular numa bicicleta, descreve o trajeto que faz enquanto percorre os supermercados da rede Coto e o relaciona às questões sociais que permeiam esse espaço:

Pedaleo, el corazón me acelera y ya estoy llegando por Mitre hasta Once. De repente, chas, nos encontramos con las luces de la Plaza Once que la cruzamos en bicicleta en dos segundos. ¿Más despacio? Quieren contemplar el panorama. Okey, esos son los borrachitos cumbianteros de Latino Once (CUCURTO, 2005, p. 68)

A cidade se torna, nesse contexto, mais do que cenário, um personagem fundamental para a narrativa. O narrador de Cucurto cria ainda uma imensa e interessante galeria de ‘tipos’ profissionais que atuam em supermercados portenhos, também fundamentais para a compreensão do local que se pretende caracterizar:

En los distintos puestos del súper hay de todo, como en el mundo. Pero estas definiciones son las que abundan sin caer en generalidades. Reponiendo, escuchando y mirando durante más de diez años en distintos supermercados de la ciudad me fui estableciendo estos distintos tipos de empleados (CUCURTO, 2005, p. 69).

Entre eles estão a operadora de caixa que se aproveita de sua beleza para enganar aos chefes, e seu oposto, a que não fala com ninguém. Vega descreve os supervisores e encarregados, responsáveis por fazer o controle dos serviços mais básicos. São apresentados também os tipos de repositor, os que acabaram de chegar do interior da Argentina e que por suas condições sociais fazem e suportam tudo o que seja pedido pelos chefes, os que querem chegar a postos mais destacados e se aproximam dos superiores, e o grupo com o qual se identifica Vega: os que fazem todo o possível para tirar vantagem do ambiente de trabalho.

Um grupo específico é considerado o pior de todos para o narrador: os clientes. Esses também estão divididos em subgrupos, as mulheres da classe média que não fazem nada, e vão ao supermercado vestidas como estivessem indo à praia, os que gastam metade de seu salário em coisas inúteis, os que deixam os produtos desorganizados e afastados de seu lugar de origem.

De ambos os grupos, um tipo de personagem se salva: os que roubam. O narrador do conto defende abertamente os que frequentam o espaço do supermercado não para consumir os produtos ali oferecidos de forma tradicional, mas sim para apropriar-se deles ilícitamente:

Claro que entre los clientes están lo que se salvan, *los que marcan la diferencia*, diría Bilardo; estos son los ladrones, los rompetodos, los sabotadores, hay miles, vuelven loca a la seguridad y representan uno o dos puntos de pérdida por mes. Yo los conozco a todos y obviamente, los dejo hacer lo que se les cante (CUCURTO, 2005, p. 70).

Esse fato se relaciona diretamente às propostas estéticas defendidas por Cucurto;

o autor com frequência descreve sua obra como parte de uma literatura *chorra*, termo pejorativo diretamente vinculado ao submundo do crime argentino. Entram em jogo, nesse contexto, outros conceitos bastante caros à antropologia, as ideias de *subversão* e *negociação*. O conto em questão, à semelhança da definição de etnografia apresentada por Magnani, se propõe a observar e descrever a cidade “de perto e de dentro”, explorando toda a complexidade e as contradições que esse espaço apresenta.

À semelhança do que afirma Gilberto Velho (2003) sobre as amplas possibilidades de circulação das empregadas domésticas no Rio de Janeiro, o repositor de supermercado também demonstra suas habilidades nesse sentido. Entre o Once o Palermo, o narrador de Cucurto cruza as ilhas que compõem a cidade e apresenta sua interpretação para cada uma delas. De um posto subalterno, ignorado por grande parte dos moradores da cidade, ele tece sua leitura sobre Buenos Aires contemporânea, um lugar marcado pela desigualdade e pela hipocrisia, no qual só os mais espertos têm vez.

Nota-se, portanto, que o texto apresenta também postulações sobre temas como consumo e identidade. Estão também referências ao período do neoliberalismo na argentina, sempre mediadas pelo ponto de vista do repositor:

Yo repuse para el neoliberalismo argentino, década del 90 en Carrefour no se olviden, repuse para el menemismo, para el duhaldismo, yo viví, cogí, cumbiantí, repuní, comí, para el neoliberalismo hasta que me echaron del Carre por no afeitarme y ahora estoy de repo externo para la firma Baggio (CUCURTO, 2005, p. 67).

O ambiente do supermercado configura, dessa forma, uma representação de elementos mais amplos como as relações de poder e a situação político-econômica do país, a partir desse espaço, inesperado porém significativo, são levantadas hipóteses de compreensão para a própria Argentina contemporânea.

## **2.2. Animetal: quem é o outro?**

Como no conto de Cucurto, em *Animetal*, de Leonardo Oyola, somos guiados por uma Buenos Aires que em nada lembra a cidade dos guias de turismo. O protagonista-narrador, nosso guia nessa outra visita, também atravessa fronteiras culturais, dessa vez dentro de um mesmo bairro: o Bajo Flores, também conhecido como Koreatown. Ao estabelecer relações entre os grupos que da região, frequentando locais identificados com a comunidade

coreana: restaurantes e locadoras de vídeo, e, ao mesmo tempo, demonstrando amizade com os nomes do crime na favela, imigrantes paraguaios, essa interessante figura demonstra que mesmo entre espaços delimitados como é o caso de um bairro existem também fronteiras simbólicas, dificilmente cruzadas impunemente.

Sang-Jin Kim, ou taekwondo, como prefere ser chamado o narrador-protagonista do conto, no entanto, parece conhecer as estratégias necessárias para transitar nesse espaço tanto física quanto simbolicamente, passa noites com moradores de rua ao mesmo tempo em que narra seu interesse por animação japonesa e pelo estilo musical dela derivado, o Animetal que dá nome ao conto, popular entre jovens de diferentes origens. O conto é recheado de referências culturais díspares; de Shakespeare a Dragon Ball Z, elementos de várias origens são mencionados em seu discurso.

Sobre a região em que se situa o conto, a zona do Bajo Flores, ou *Koreatown*, pode-se compreendê-la como um território desconhecido muitas vezes para o próprio morador de outras regiões da cidade, uma “ilha urbana”, espaço público, mas que ainda assim apresenta características e demandas próprias, para utilizar a nomenclatura proposta por Josefina Ludmer em *Aquí América Latina* (2010). Nesse espaço, é o local que se converte em estrangeiro, fato que desestabiliza a pretensa fixidez das noções do “eu” em oposição ao “outro”.

Esses elementos revelam a ampla rede de interações que possui o protagonista. Sua trajetória na cidade ilustra bastante bem a ideia de campo de possibilidades, um conceito central para a compreensão das ideias de mediação e fronteira cultural: “campo de possibilidades (...) representa o reconhecimento dos limites e fronteiras socioculturais nos quais se movem categorias, grupos, agentes sociais e indivíduos-sujeitos (Velho, 2010, p. 17)”. Taekwondo partilha *significados* com os distintos grupos com os quais interage. Isso é um efeito possível principalmente nas chamadas *sociedades complexas*. O cruzamento de trajetórias culturais distintas, pessoas de diferentes origens e posições sociais nesse espaço e sua atuação em relação a esses indivíduos reforçam seu papel como mediador.

A reflexão sobre o campo de possibilidades desenvolvida no conto aponta também para outra questão cara aos estudos de antropologia urbana: a ideia de identidade. O narrador, identificado com uma das comunidades imigrantes vistas como mais fechadas do país, a coreana, se mostra bastante familiarizado aos elementos da cultura local. Todavia, não se observa nele uma resistência em relação a suas origens:

(...) entré al bar de sangsoo Hong. Le pedí, para empezar, dos chimangu y una cer-

veza de litro (...) Un abuelo hacía zapping sin mirar nada. Hablé con él en nuestro idioma. Fui respetuoso y logré mi objetivo: me cedió el control remoto (OYOLA, 2007, p. 34).

Outro indicio nesse sentido é a recorrente afirmação dessa origem. Em distintos momentos o personagem esclarece que não é chinês o japonês, resiste também aos apelidos depreciativos dados aos orientais, como *ponja*.

Acordate: para dirigirte a mi persona es taekwondo. Nada de ponja, chinito, Bruce o Yoko. Ésas son faltas de respeto, yo soy coreano, a no confundir (OYOLA, 2007, p. 34).

Taekwondo é um exemplo do que se conhece como *multipertencimento*, sua identidade não passa exclusivamente por sua etnia, antes, recebe influências das mais variadas origens, como seus gostos e elementos da cultura de massas (VELHO, 2010). Por essa razão, em *Animetal* ao atuar como mediador o narrador-protagonista acaba funcionando também como um informante, alguém que nos posiciona de outra forma diante de características de um determinado grupo, mesmo se tratando de um texto ficcional, a abordagem da questão do imigrante oriental fornece chaves de leitura para a compreensão da formulação identitária desses indivíduos.

Outro aspecto relativo à representação do espaço urbano que se pode notar nas três narrativas são as descrições de trajetos. Cucurto mostra o caminho entre os distintos supermercados em que trabalha:

(...) estamos retrasados y todavía nos queda uno, el más grande. Coto Honduras de Palermo. Vamos bajando por la calle Maza que se convierte en Mario Bravo y de ahí hasta Honduras, derecho el Hollywood! (CUCURTO, 2005, pag 62)

Taekwondo dá, com essa intenção, instruções erradas para dois homens que passavam pela região do Bajo Flores e que o chamaram “ponja”:

Tienen que volver a Carabobo, la do Bulevar. Doblan a la izquierda y por ésa e meten derecho unas cinco cuadras. Van a cruzar una avenida, Castañares, ahí la calle cambia de nombre, se llama Corea. Hay una bajada pronunciada y después la calle hace una ese. Sigán por esa que salen derecho. No tienen como perderse (OYOLA,

2007, p. 32).

O protagonista de *Tartagal queda cerca de Yacuiba y Yacuiba queda cerca de Tartagal* também descreve a região pela qual transita:

Tartagal queda cerca de Yacuiba y Yacuiba queda cerca de Tartagal. Pero antes de llegar a Yacuiba hay que pasar por Salvador Maza, que todos conocen como Pocitos Argentino, y mostrarle el documento a los gendarmes que con su gesto te dicen adelante y pasás por un pasillo sin ningún problema. Del otro lado, más gendarmes con caras recias piden a señoras y a señores de rostros gastados que muestren sus paquetes (MARTINEZ, 2009, p. 61).

Beatriz Sarlo, em seu livro *La ciudad vista* (2009) chama a esse efeito de recriação literária do urbano *cidade escrita*. Os textos analisados, como afirma a autora, se conectam à realidade através da linguagem, mostram ao leitor referências da cidade real.

A mediação, ocorre, por tanto, de forma dupla. Por um lado os narradores põem em cena uma mediação interna ao conto. Isso se dá com mais força em *Animetal* e *Tartagal queda cerca de Yacuiba y Yacuiba queda cerca de Tartagal*. Taekwondo em suas voltas pelo bajo flores negocia com diversos grupos, recebe favores dos paraguaios da favela e, dessa forma, ajuda aos que vivem na rua, o narrador boliviano do conto de Fabio Martinez apresenta ao seu interlocutor argentino uma descrição própria do local, sua versão para a região. Em ambos os casos os personagens ficcionais funcionam como informantes do leitor do texto, assim como de seus interlocutores internos à narrativa.

Simultaneamente, tanto nesses casos como no conto de Cucurto, há uma mediação em processo entre o conto e o leitor. Somos apresentados ao cotidiano das vidas periféricas da cidade, de forma análoga ao que faria uma etnografia tradicional. Beatriz Sarlo, em *Escritos de Literatura Argentina* chega a denominar o estilo dos escritores das últimas décadas ‘literatura etnográfica’ em um claro reconhecimento das semelhanças existentes entre as duas possibilidades de fala sobre a sociedade.

### **2.3. Tartagal queda cerca de Yacuiba y Yacuiba queda cerca de Tartagal: fronteiras simbólicas, fronteiras reais**

Em *Tartagal queda cerca de Yacuiba, y Yacuiba queda cerca de Tartagal*, conto publicado na antologia *Es lo que hay*, dedicada à narrativa cordobesa recente, temos um texto

também fortemente marcado pela atitude etnográfica, como se observou nos contos anteriormente trabalhados, mas no qual a voz narrativa se alterna entre dois personagens; um argentino que visita a região da fronteira e o dono de um negócio de roupas. O personagem-narrador local é responsável por contar episódios que se passaram na região, fala do tráfico de drogas, dos crimes comuns no local, demonstra como é simples conseguir de tudo na região, da participação em negócios com o tráfico a abortos.

O conto constrói uma representação bastante rica da região da fronteira. São descritos os motoristas de *remis*, os *choripaneros*, as pessoas que frequentam os negócios, suas atitudes e reações narradas nos mínimos detalhes, como em um trabalho etnográfico:

- Amigo, pues en Yacuiba se consigue de todo y al mejor precio. ¿No te gusta la ropa?, las zapatillas Naiki, los relojes caros o los perfumes, pues interesa mi amigo. Fíjese en esos chicos que caminan sin mirar ningún puesto. ¿Usted cree que vinieron a comprar algo? No tienen bolsas, y vea los ojos de la gringa, rojos, bien rojos, se lloró todo. Ellos vienen del enfermero, amigo. ¿Usted tiene novia? Ah, bueno, cuando tenga un problema parecido, cuando meta la pata, búsqume que yo soy amigo del enfermero y en un ratito se soluciona todo. También está el doctor, pero dicen que es más caro, yo por él no meto las manos en el fuego. Espéreme un cachito (MARTINEZ, 2009, p. 64).

Entretanto, há toda uma outra dimensão descritiva no texto, os narradores relatam sons, cheiros, e diversos aspectos sensoriais menos presentes em textos de outros gêneros, mas que desempenham um papel fundamental na elaboração do mapa literário da região.

A partir da dinâmica da existência de dois narradores no conto, temos acesso a diferentes versões da região descrita, o que diferencia a narrativa de Fabio Martínez das duas anteriormente trabalhadas. O narrador que visita as cidades de Yacuiba e Tartagal nos apresenta uma descrição bastante sensorial do que encontra, seu olhar parece perdido diante de um local tão diferente do que está acostumado. Os trechos que apresentam seu ponto de vista retratam as pilhas de lixo, o cheiro da comida que é vendida a aparência das pessoas:

un río de basura, de pañales usados, botellas vacías, bolsas plásticas, cajás de reproductores de DVD, televisores, equipos de música y todo otro envoltorio de artefactos eléctricos que deba pagar impuesto: las zapatillas Naiki, los relojes caros o los perfumes (MARTINEZ, 2009, pp 62-63).

O relato do narrador local, no entanto, é mais dedicado ao que alguém de fora não conseguiria compreender. Ele traduz a realidade que o forasteiro observa mas não consegue compreender, explica que o jovem casal argentino aparentemente de passagem pela cidade veio procurar a clínica clandestina de abortos, que os traficantes locais exigem passagem por terrenos particulares aos que moram na região da fronteira, as estratégias adotadas pelos que tentam atravessar mercadorias sem pagar impostos na fronteira. Aqui, como nos relatos anteriores a fronteira não é somente um dado geográfico, mas um índice de diferenças culturais:

El bar de Luvina...; hay chicas y otras cosas, queda cerca del centro. Muchos de sus compatriotas van ahí, aunque a veces la gente pierde la noción de sí. Ustedes no lo ven. Sólo caminan por el centro, por estas diez cuadras o más que están armadas para extranjeros. Fíjese, ¿ve a algún paisano mío comprando? No, mi amigo. Todo está armado para los hermanos argentinos. Ustedes sólo ven lo bonito, pero en Yacuiba pasan muchas cosas, es que a veces uno pierde la noción de sí y no sabe lo que hace, y otras veces porque no es hijo de Dios (MARTINEZ, 2009, p. 64).

Dessa forma, em *Tartagal queda cerca de Yacuiba y Yacuiba queda cerca de Tartagal* a representação da fronteira se dá através de uma dupla mediação, a que ocorre internamente ao conto, quando o local apresenta a região ao forasteiro, e a que se dá externamente ao texto, direcionada ao leitor. O conto encena a própria relação informante/etnógrafo, demonstrando mais uma vez a íntima relação que existe entre as narrativas argentinas contemporâneas e esse método.

### 3. Conclusão

A representação do espaço urbano em toda a sua diversidade e complexidade, portanto, é uma questão que une áreas aparentemente distintas do conhecimento como antropologia urbana e literatura contemporânea. Essa relação não é recente, como aponta Klinger (2007, p. 80) e pode ser observada já nas vanguardas históricas. No entanto, a aproximação do literário com o que pode ser definido como uma atitude etnográfica é uma característica bastante marcante da narrativa argentina contemporânea, fato observado por nomes reconhecidos da crítica desse país como Beatriz Sarlo (2007, p. 476)

O *corpus* analisado corrobora essas observações e permite ainda concluir que a construção dos narradores das três histórias possibilita a observação de aspectos fundamentais da realidade social argentina a partir de uma luz diferente. As narrativas demonstram a

capacidade de tráfego que certos indivíduos têm entre os diferentes grupos e uma habilidade para traduzir aspectos culturais divergentes, ou seja, tematizam a função de mediação exercida por determinados personagens.

Portanto, esses textos, como muitos na literatura contemporânea, apresentam um diálogo significativo com os conceitos relacionados às ciências sociais, especificamente da antropologia urbana. São ficções que lidam com questões de interesse para essa área de conhecimento: os imigrantes, as transições possíveis entre as diferentes áreas da cidade, as possibilidades de comunicação entre os grupos. Falam da periferia, mas sem a pretensão de simular a voz das pessoas que vivem nestas áreas, tentam, antes, uma possível leitura dessa realidade. Os pontos de contato com o trabalho etnográfico são inegáveis.

Os textos literários analisados, dessa forma, tematizam as fronteiras internas ao espaço urbano ao mesmo tempo em que evidenciam a possibilidade de cruzar esses limites através das relações de mediação, chamando assim atenção para a necessidade de não se aceitar as formas de segregação como naturais, sem no entanto oferecer saídas ingênuas para esse impasse ou tentar negar os conflitos existentes nesse espaço.

Faz-se necessário observar, assim, que reconhecer a aproximação entre essas áreas do conhecimento, longe de enfraquecer a natureza científica da antropologia ou questionar a qualidade artística dessas manifestações literárias, torna mais evidentes as ricas possibilidades oferecidas pela identificação dos pontos de contato.

## Referências

- BECKER, Howard. *Falando da sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. A cultura extraviada em suas definições. In: *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, pp. 35-53.
- CUCURTO, Washington. Una mañana con el hombre del casco azul. In: TOMAS, Maximiliano (org.) *La joven guardia*. Buenos Aires: Grupo editorial Norma, 2005.
- DRUCAROFF, Elsa. *Los prisioneros de La torre - política, relatos y jóvenes en la postdictadura*. Buenos Aires: Emecé, 2011.
- JANOSCHKA, Michael. El modelo de ciudad latinoamericana - privatización y fragmentación del espacio urbano de Buenos Aires: el caso Nordelta. In: *Buenos Aires a la deriva - Transformaciones urbanas recientes*. Max Welch Guerra (ed.) Buenos Aires: Biblos, 2005.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LARDONE, Lilia. *Es lo que hay*. Córdoba: Babel editorial, 2009.

LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, Dec. 2009. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 de Abril de 2015.

MARTÍNEZ, Fabio. Tartagal queda cerca de Yacuiba y Yacuiba queda cerca de Tartagal. In LARDONE, Lilia. *Es lo que hay*. Córdoba: Babel editorial, 2009.

OYOLA, Leonardo. Animetal. In: TERRANOVA, Juan (org.) *Buenos Aires/ Escala 1:1*. Buenos Aires: Entropía, 2007.

SARLO, Beatriz. La novela después da historia in *Escritos sobre literatura argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2007.

\_\_\_\_\_. *La ciudad vista*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

TOMAS, Maximiliano (org.) *La joven guardia*. Buenos Aires: Grupo editorial Norma, 2005.

TERRANOVA, Juan (org.) *Buenos Aires/ Escala 1:1*. Buenos Aires: Entropía, 2007.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

\_\_\_\_\_. Metrópole, cosmopolitismo e mediação. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 15-23, June 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832010000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100002&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 20 de Abril 2015.